

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Luciano Nunes

registada em 2008-09-10
por

Hugo Pereira e Jenny Campos

Luciano Nunes

Luciano Nunes nasceu em 4 de Março de 1926 em Monte Frio. Os pais chamavam-se Manuel Martins Nunes e Natividade Rita. “À família chamavam os Forquilhas.” A mãe trabalhava na agricultura e tomava conta dos filhos. O pai vendia colheres pelas serras, mas não as fazia. Com a morte do pai era apenas a mãe que governava os seis filhos, “ia cavar um bocado de terra, ia buscar uns molhos de mato para as pessoas e ia fazer umas limpezas a umas casas”. Os filhos começaram novos a ajudar. Luciano esteve a servir, trabalhou na resina, ia levar milho às Minas, ia entregar correio, “fazia de tudo um pouco”. Entrou na escola com 7 ou 8 anos, mas fez apenas a primeira classe e depois começou a trabalhar. Conheceu a esposa em Lisboa e foi a primeira rapariga que namorou lá, mas, como diz, “aquilo estragou-se”. Após alguns namoros foi para ela que voltou e com quem casou numa cerimónia “às fugidas”, sem festa. Do casamento nasceu um filho, na Maternidade dos Tabacos. Aos 21 anos foi sozinho para Lisboa, resolver a vida. Trabalhou na Empresa Geral de Transportes, e depois nas estações de serviço a lubrificar automóveis. Mas foi numa garagem, na Graça, que esteve durante 23 anos e em 1962 reformou-se e regressou à terra.

Índice

Identificação Luciano Nunes.....	4
Ascendência Manuel Martins Nunes e Natividade Rita.....	4
Infância "Deitar com a barriga só meia".....	6
Casa "A nossa casa era pobre".....	9
Religião "Nunca me confessei".....	10
Educação "Naquele tempo ensinavam bem".....	10
Migração "Senti saudades da família".....	11
Percurso profissional "Desemburrar".....	13
Ofício "Lubrificar automóveis".....	14
História "Estávamos numa coisa parva".....	17
Namoro "Nunca pedi namoro".....	17
Casamento "Foi à fugida!".....	18
Descendência "Sempre gostei da minha família".....	20
Lugar "Estou aqui muito bem".....	22
Costumes "Umas coisas giras".....	25
Quotidiano "Um feijão-verde que é uma categoria".....	29
Sonhos "Ver a minha família bem".....	29
Avaliação "Acho que é importante".....	30

Identificação *Luciano Nunes*

Chamo-me Luciano Nunes. Nasci em 4 de Março de 1926 em Monte Frio.



Luciano Nunes com o filho Armando Nunes (Lisboa, 1964)

Ascendência *Manuel Martins Nunes e Natividade Rita*

Os meus pais chamavam-se Manuel Martins Nunes e Natividade Rita. À minha família chamavam os Forquilhas. Já vinha de Parrozelos, da família da minha mãe. Ainda hoje nos chamam. Parece que um dia o meu bisavô pegou lá numa forquilha não sei para quê. E lá ficou com o nome de Forquilhas.

A minha mãe trabalhava na agricultura e tomava conta dos filhos. Era doméstica. O meu pai andava a vender colheres por essas serras fora. Não as fazia. Comprava-as aqui no Monte Frio, no Sardal, que era terra de colhereiros,

e nos Pardieiros também. Depois vendia-as para Celorico, para os lados da Beira Baixa.

O meu pai era aleijado do pescoço. Tinha o pescoço um bocado torto. De resto, era um homem normal como os outros. Era boa pessoa. A minha mãe não podia ser melhor. Só o castigo que ela tinha para criar os filhos todos, não podia ser ruim, não podia ser má.



Piquenique em família.

Éramos seis irmãos: o Abílio Martins Nunes e a Lucília; a seguir era eu, o Luciano; depois tinha uma irmã chamada Maria, outra chamada Albertina - que ainda moram aí - e tenho um mais novo que é o José Martins Nunes, chamado cá o Zé do Chão. Ficou com a alcunha do meu pai. Aqui, tratavam o meu pai por Manuel do Chão, porque ele morava onde chamavam Chão da Fonte - que é mais ou menos o Monte Frio antigamente. Por isso, puseram-lhe aquele nome. É verdade. A relação com os meus irmãos era boa. Foi sempre boa. Naquele tempo, não podíamos ser maus uns para os outros. Éramos unidos. Só a fome que se passava aí chegava para a gente ser bons uns para os outros. Antigamente, era uma sardinha partida por três! A sardinha era dividida por três para comerem mais um bocadito de broa. Há aí uma mulher que dizia que só queria a parte da cabeça porque tinha mais que comer. Era enganada! Pensava que a cabeça tinha mais que comer. Para mim, naquele tempo, qualquer coisa servia. Ainda hoje sou bom de boca. Éramos obrigados a isso. Naquele tempo, metade da povoação era pobre. Tinham que cavar para comer, se queriam.



**Luciano Nunes com 40 anos (à esq.) e seus dois irmãos:
Abílio (ao centro) e Zé do Chão (à dir.), no Monte Frio**

O ambiente lá em casa era pobre. Os meus pais eram pobres, não tinham nada. O meu pai morreu quando eu tinha 7 anos. O cemitério era na Benfeita. E não havia estrada para lá. Levavam os mortos por meio das penedas abaixo, por um caminho que só ia um à frente outro atrás. Pusemos o caixão em cima de um esquife - um género de uma escada - mas não houve ninguém para o levar para o cemitério, porque ele era pobre! Se fosse um rico, toda a gente aparecia lá para ajudar, mas como era pobre, falhavam. Nessa altura, o mais novo ficou na barriga da mãe. E a minha mãe, coitadita, ajudava as pessoas para governar a gente. Quando o meu pai morreu, ela era obrigada a deixar os filhos a certas pessoas para poder trabalhar e arranjar alguma coisa para a gente comer. Ia cavar um bocado de terra, ia buscar uns molhos de mato para as pessoas e ia fazer umas limpezas a umas casas. Era assim. Ela era doméstica. Fazia de tudo o que aparecia.

Infância *"Deitar com a barriga só meia"*

Começámos novos a ajudar os nossos pais. Assim que pudéramos, cada um esgadanhava para seu lado. Eu estive a servir, como alguns dos meus irmãos

estiveram. Pelo menos, saíam de casa e sempre enchiam mais a barriga a servir do que em casa, onde havia muita fome. Às vezes, à noite, a gente ia-se deitar com a barriga só meia.

"Eu comia mais um bocadinho de broa..."

Tenho uma história com a minha mãe. Um dia, ela disse-me:

- "Ó, Luciano, vai ali comprar uma broa ao tio Zé Luís para a gente comer."

Eu fui comprar a broa. À noite, era um bocadinho para cada um e eu disse assim para ela:

- Ó, mãe, eu comia mais um bocadinho de broa...

E ela disse-me:

- "Ó filho, isto é para amanhã de manhã a gente comer."

Quando íamos para o campo, lá se levava uma bucha ou então iam levar o almoço à gente. Uma buchazita antes do meio-dia, o comerzito ao meio-dia e a merenda à tarde.

Cheguei também a andar na resina, nos pinheiros. Fazia de tudo um pouco. Fiz trinta mil e uma coisas. Qualquer coisa que aparecia, tinha de se fazer, tinha de se aproveitar. Fora disso, a vida era precisa num lado qualquer. Se as pessoas precisavam que a gente fosse a uma povoação fazer alguma coisa, nós tínhamos que ir. Trabalhávamos desde que amanhecia até anoitecer. Não é como agora, oito horas. Começava-se a trabalhar quando amanhecia e só se parava à noite. Nem sequer era de sol a sol. Era mais que sol a sol.

Nas Minas da Panasqueira

Ainda cheguei a ir às Minas da Panasqueira levar milho - que eles precisavam lá dele - dentro de cascos de vinho, como se fosse vinho que lá ia dentro. Depois, era despejado à socapa. Era contrabando. Não se podia fazer. Depois vinha o volfrâmio para baixo. Faziam aqueles negócios. Cheguei a ir daqui às Minas da Panasqueira com um candeeiro na mão - chamavam àquilo um lampião - só para controlar os números dos carros que passavam na estrada. Tal era o controlo que eles tinham do contrabando. Eles aqui também estavam metidos e queriam saber os números dos automóveis para saber quem eram os gajos que lidavam com isto. Eram pessoas daqui que iam trabalhar para lá. Umhas quatro ou cinco. Mas não era para trabalhar dentro. Era parado cá fora no volfrâmio à socapa. Andavam às fugidas. Mas aquilo dava dinheiro e eles iam.

Pagavam muito mal aos trabalhadores. Pagar, pagavam, o dinheiro é que não chegava para saldar o que se devia lá. Eles trabalhavam e durante a semana tinham de ir buscar qualquer coisa para comer: um bocado de arroz, um bocado de massa, um bocado de bacalhau... E eles faziam aquilo de maneira que quando pagassem o salário, o dinheiro não chegava para cobrir a dívida. Ficavam sempre a dever:

- "Hás-de ficar aqui preso para sempre..."

Às vezes, era preciso levar as cartas que eles escreviam uns para os outros. Os gajos sabiam que eu quase não tinha medo:

- "Leia, Luciano."

- "Ó, Luciano, vai botar lá esta carta."

Fui a pé daqui à Martinha, que é uma estrada que passa ali para os lados da Pampilhosa. A pé daqui para lá e de lá para aqui a pé. Para ganhar qualquer coisita. Depois, chegava ao fim da semana, fazia as contas e o dinheiro mesmo assim não chegava. Antigamente isto era um pouco miserável.

"Pouca roupa"

Os pobres tinham pouca roupa. Alguns deles até iam usando daquilo que lhe davam, como me sucedia a mim. Conforme nos davam a roupinha à gente, íamos experimentando para ver a qual irmão servia. E andávamos descalços, até uma certa idade.

"Fiquei sem as botas!"

Tenho uma história gira. O meu irmão mais velho trabalhava por conta de uns senhores daqui. E eu gostava de ter umas botas de borracha, daquelas de pneu. E perguntei ao meu irmão se ele não mas comprava. Ele deu-mas. Eu agarrei nelas e trouxe-as para casa, todo satisfeito. Daí a pouco, chego a casa, levam-me as botas! O meu irmão não as tinha pago e eu fiquei sem elas!

Havia uma grande diferença para agora. Agora, na minha terra, não há pobres. Agora vêem-se no caixote os sapatos de pano, a roupa nova e tal. Naquele tempo, aquilo fazia tanto jeito... Eu até usava os casacos compriditos nas mangas. Dobrava a manga e às vezes até servia de lenço e o canudo! Era pouca roupa. Naquele tempo quem é que deitava roupa fora? Alguém?

Ao domingo, sempre havia aquela roupazita mais limpita que a gente guardava. Uma camisa e umas calças mais limpas. Às vezes, as mulheres iam para fora da terra e levavam uns sapatitos na mão para não darem cabo deles.

Só quando iam entrar na povoação para onde iam é que calçavam os sapatos. Era assim.

Passávamos o tempo umas vezes a fazer bem, outras vezes a fazer mal. Nós, naquele tempo, não podíamos ser teimosos, porque os pais não eram como agora. Eles chegavam-nos a roupa ao pêlo quando a gente fazia mal. Agora não se pode fazer isso. Mas naquele tempo era assim. Às vezes, lá fugíamos para ir tomar banho a umas poças quaisquer que havia. Lá havia um abrunheiro ou uma macieira em qualquer lado, aquilo ia de abalada. Onde a gente as descobrisse, ia lá "ganchar" qualquer coisa. E era assim que a gente, às vezes, até matava a fome. Os donos gritavam com a gente e depois iam fazer queixa aos pais. A minha mãe chegava-nos a roupa ao pêlo. Quando nos tocasse a fazer mal, os pais não perdoavam.

Não havia entretém, não havia nada. Deitávamo-nos à noite até de manhã. Que é que havia aqui? Só em Agosto pela festazita quando apareciam as pessoas. Era quase como agora. Aqui não havia cinema, não havia teatro, não havia nada. As brincadeiras eram os bailezitos aos domingos. Era o nosso entretém. Pelo Carnaval, chegáramos a começar o baile um mês antes. Um mês antes! Era onde a canalhada, a rapaziada, se entretinha. Aqui havia muita rapaziada. Não é como agora. Agora não há aí nem um. Naquele tempo cada casa tinha quatro, cinco, seis filhos ou mais. Havia pessoas aí com dez filhos! Agora, têm um e dois e mais nada. Isto era muito povoado.

Havia sempre uma casa onde se faziam os bailes. Um agarrava numa viola, outro agarrava numa guitarra e assim fazíamos a festa. Eu agarrava numa viola, tinha um irmão que também tocava e entretínhamo-nos naquilo. E havia sempre as tabernas. Havia duas. Taberna e mercearia. Era ali que nos juntávamos e fazíamos os nossos petisquitos. Agora, já não há nenhuma. Só temos a Casa do Povo. Vamos para lá e lá nos entretemos.

Casa "A nossa casa era pobre"

A nossa casa era pobre. Era pequena. Éramos seis e tínhamos só um quarto. Tínhamos uma loja por baixo preparada com duas camas. Por vezes, dormiam uns para o lado e outros para o outro. Uns para os pés, outros para a cabeça, com pouca roupa para a gente se tapar. Era assim a vida naquele tempo.

Religião "*Nunca me confessei*"

Eu e os meus irmãos fomos todos baptizados. Íamos à igreja na Benfeita, assinávamos o Registo, dávamos um nome e era assim. Mas não andei na catequese. Antigamente, ensinavam-nos o Padre Nosso. Eu servi numas casas em que antes de se começar a almoçar ou a jantar - que naquele tempo o jantar era ao meio-dia e à noite era a ceia - tinha de se rezar. Que remédio! Tinha de se rezar o Padre Nosso primeiro, porque era preciso comer. Mas nunca houve padre algum que me confessasse. Nunca! Respeito, mas confessar-me aos padres... nunca me confessei.

Só ia à missa quando calhava. É como agora. Agora vou à missa. Se morre uma pessoa qualquer ou há uma missa pela alma de alguém, vou e respeito. Não me custa nada lá ir. Por vezes, o importante não é a gente ir à missa. É ter um bocadinho de respeito pela pessoa que cá fica. Para os que morreram, é igual. Ir lá à missa ou não, para esses é igual.

Educação "*Naquele tempo ensinavam bem*"

Fui à escola. Era aqui na aldeia. Depois fizeram uma nova. Tinha aquelas cadeirazitas corridas de antigamente. E sentávamo-nos ali. Eu devia ter aí uns 7 ou 8 anos quando entrei. Nesse tempo, a primeira coisa que a professora nos dizia era:

- "Vocês conhecem estes senhores que estão aqui e ali?"

Era o Salazar e o Carmona. A primeira coisa que eles ensinavam à gente era isso. Os que deixaram uma manada de analfabetos no nosso país. Já naquele tempo o meia-tigela ficava num lado e os outros com a tigela cheia ficavam noutras cadeiras, mais perto da professora. Já havia disso, antigamente. Houve sempre, mas naquele tempo era pior. As professoras conheciam as pessoas da povoação. Elas moravam cá. Sabiam bem quem eram os pobres e os outros. E tratavam-nos de maneira diferente. De que maneira! Aqueles que podiam, lá davam o presentezito para lhe adoçar a boca. Os pobres não podiam, não lhe davam nada e já se sabe como é que era. Ainda hoje existe isso, quanto mais naquele tempo.

Não me lembro do nome das professoras. Vieram para aí uma data delas. Já lá vai há tanto ano que agora não sei o nome delas. Mas naquele tempo ensinavam bem. E não se podia brincar com elas! Elas arriavam na gente! Não é como

agora que não se pode bater num aluno. Os alunos é que batem nos professores! Naquele tempo era ao contrário.

"Roí à rica e à francesa"

Eu ainda levei com a régua, com aquela palmatória furada, que elas tinham. Levei com ela na mão uma vez. Um rapazinho - um amigo que foi para Lisboa - foi "arrear o calhau" de baixo da janela da casa onde ela morava. Depois, foram-lhe dizer que tinha sido eu. E eu é que roí à rica e à francesa. É verdade.

Andei na escola pouco tempo. Fiz a primeira classezita à pressa, depois comecei a trabalhar e fui-me embora daqui.

Migração "Senti saudades da família"

Fui-me embora daqui, para governar a minha vida, com 21 anos, que não era aqui que eu resolvia nada. Estive 11 anos sem cá pôr os pés. Eram as saudades que eu levava. Mas, nos princípios, senti saudades da família. Quando a gente sai de casa dos nossos, quebra sempre um bocadinho, mesmo que a gente seja pobre e viva pobre. Quando se sai do que é nosso, quando se sai da província, habituado ao ambiente de cá, sente-se sempre qualquer coisa, lembra-se um bocado disto tudo. Depois, passa.

Um senhor amigo é que me levou. Chamava-se José Bento dos Reis. Era daqui da Castanheira e tinha casado no Monte Frio com uma viúva de cá. Foi a Espanha com o chefe-geral da Empresa Geral de Transportes e depois passou aqui com um camião. Ele sabia que eu queria ir para Lisboa e fez o favor de me mandar chamar:

- "Ó, Luciano, quer vir para Lisboa?"

- Quero, sim senhor!

Fez o favor de me levar para lá. Eu não tinha lá ninguém. Fui para Lisboa sem ninguém. Fui morar para o quarto onde ele morava, arranjou-me trabalho na Empresa Geral de Transportes, onde era empregado. Era preciso um fiador, arranjou-me um. O fiador era um género de responsável pela pessoa. Felizmente, nunca foi preciso. Era tal e qual como nos bancos agora. Às vezes, é preciso um fiador. E, naquela altura, para mim, também foi preciso um. Para eu ir ganhar alguns 25 tostões por dia, precisei de um fiador! Depois disse-me:

- "Luciano, isto aqui não é muito bom, mas depois resolves a tua vida."

E assim foi. Lá me fui orientando. Foi uma pessoa muito minha amiga.

Muita gente de cá ia para Lisboa. Iam para lá e estavam um ano sem cá vir. Agora vêm cá de mês a mês. Naquele tempo, era o ano inteiro sem cá vir e, às vezes, nem no fim do ano cá apareciam. Havia lá muita gente de cá, mas eu morava um bocado desviado das pessoas da minha terra. Estava mais ao pé de pessoas dos Pardieiros que moravam ali na Graça. E nem convém muito a gente morar muito ao pé das pessoas da nossa terra, porque, às vezes, são bons é para saber a vida de cada um.



Luciano (à esq.) e amigos. Lisboa.

Eu aprendi muito em Lisboa, quando lá estive. Um gajo pensa que sabe muito, mas não sabe nada. E eu aprendi a respeitar as pessoas e a lidar com elas, que é o que muita gente hoje não sabe. Antigamente, respeitavam-se uns aos outros. Respeitavam-se os velhotes. Ninguém falava mal. Agora, cada vez que abrem a boca, sai porcaria. Ainda hoje, respeito as pessoas mais velhas que eu. Trabalhei com muito freguês, com muita gente e aprendi isso. Lá não se fala mal. Dizem que os de Lisboa falavam mal, mas não.

No entanto, nunca gostei de Lisboa. Estava em Lisboa só para resolver a minha vida, para trazer a reformazita. Eu não tinha cá nada. Não tinha casa onde morar, não tinha nada. E nem me faz falta, para estar tudo relva como está aí... não interessa. Mas nunca gostei de lá. Assim que me reformei, pirei-me logo cá para cima.

"Nunca perdi a pronúncia da minha terra"

Eu nunca perdi a pronúncia da minha terra. E, às vezes, dizia aos gajos de Lisboa - não tenho vergonha de dizer - àqueles fadistas, àqueles fadistitas:

- A minha pronúncia é diferente da vossa, mas os meus olhos são iguais aos vossos!

E é verdade. Os olhos são iguais!

Agora, o que quero é ir um dia a Lisboa e vir ao outro. Estou melhor aqui que se estiver lá. Aquilo agora não presta. O filho às vezes bem quer que eu vá, mas eu não vou. Ir a um dia, vir ao outro, é giro.

Percurso profissional "Desemburrar"



Luciano Nunes (2.º da dir. p/ esq.) e amigos em Lisboa.

Na Empresa Geral de Transportes, comecei por distribuir por Lisboa as encomendas que vinham da província. A empresa tinha as camionetas e nós andávamos dentro delas a servir. Havia o chofer, o ajudante e um ou dois carregadores. Eu levantava-me de manhã, carregávamos o carro e íamos para a

cidade, servir. Às vezes, carregava-se mais que uma vez. Parava-se aí num lado qualquer:

- "Vai àquela rua, àquela morada."

Para isso precisava de saber ler. E foi isso que me obrigou a comprar o jornal todos os dias, para abrir os olhos. Eu comprava o jornal e via as letras. Esta cabe aqui, aquela cabe ali... Juntava-as. Eu conhecia as letras, mas para as juntar é que era pior. Comecei a juntar as letras e "desemburrei-me" assim.

Depois, saí e fui para as estações de serviço. Quando trabalhava, não era preciso o patrão mandar-me. Nunca foi preciso os patrões mandarem-me. Eu fazia o serviço e passava o serviço. Os outros empregados que trabalhavam ao pé de mim e as pessoas do escritório não acreditavam que eu não tinha educação nenhuma. E assim me saí.

Ofício "*Lubrificar automóveis*"

A minha função foi lubrificar automóveis. Estava debaixo do elevador o dia inteiro. O elevador no ar e eu debaixo dos automóveis o dia inteiro. Fazia um, fazia outro, trabalhava assim. Aprendi a fazer isso. Tive um mestre, um alentejano. Um homem chamado Moura e que era mesmo de Moura. O gajo era bom! Abriu-me os olhos um bocadinho e com a continuação, deu-me contrato.



**Confraternização de pessoal da garagem
SIAMPEL, onde trabalhou Luciano Nunes (Almeirim)**

Ainda quando trabalhava na Empresa Geral de Transportes, estava para abrir uma garagem ao pé de onde eu morava, na Graça - eu morava na Rua Leite de Vasconcelos. Era de pessoas amigas, que sabiam que eu gostava de lidar com os automóveis. Então, convidaram-me para a abertura daquilo. Fui à abertura e fiquei. Estive lá uma data de anos. Depois mudei de novo e na última casa onde estive, passei lá 23 anos.

Naquele tempo, ganhava 30, 35 mil réis por dia! Era o nosso ordenado. A mulher também trabalhava. Estava nos Tabacos. Mas quando se pagava a renda da casa, ficávamos tesos os dois, quase. O ordenado que era naquele tempo... A minha safa era ter freguesia quanta queria. Quando trabalhava, não precisava de levar dinheiro para almoçar. Chegava a hora de almoço, já eu tinha dinheiro para a refeição e ainda cosia pano para mangas. Até digo: chegava a trazer mais dinheiro para casa de gorjetas que os fregueses me davam do que de ordenado que ganhava.

"Quando fui à ponta do travão, não havia lá nada!"

A primeira garagem onde estive deixou de ser garagem e passou a ser um stand de camionetas, camiões e tal. Carros grandes. E tinha uma oficina. À noite, quem arrumava a casa era eu. Tínhamos lá umas camionetas estacionadas na rua e o engenheiro disse-me:

- "Ó, Luciano, tem cuidado com esse carro, que ele não tem travões."

Era um Denes de Rio Maior. Naquela altura, os travões eram só ar. Como o carro esteve ali parado, o ar foi-se embora. Nem tinha travão de mão para accionar. Eu entro para o carro, meto o pé ao pedal e desengato. Geralmente, quando eles estão a fazer força na velocidade, está a alavanca presa. Mas não, deixei-o cair para a rua para pegar. Não tinha bateria, mas o carro a gasóleo pega sem bateria. Quando fui à ponta do travão, não havia lá nada! Entro por aquela rua abaixo, a gritar. Gritei quando pude! Passei desviado de um automóvel por um bocadinho. Matava aqueles gajos todos. No fundo da rua havia um tapume de madeira que era onde a Empresa Geral de Transportes recolhia algumas camionetes. Eu disse:

- É aqui que tens de perder a força.

Encostei para o lado do tapume de madeira e enfiou-se num barroto no farol da frente. Mas a madeira em vez de cair para fora caiu para dentro! Passou uma tábuia encostada a mim e levou-me metade do macaco. Não me tocou na pele. Cortou-me foi três dedos com vidro. Lá encostei a uma parede, ficou encostada e foram buscá-la, depois. E eu fui para o hospital.

O meu patrão não disse nada. Ele sabia como o carro estava e não me disse nada. Eu é que não sabia que o carro não tinha travões. Para não matar ninguém, fiz aquilo. Nem sequer tinha carta. No hospital, estive debaixo de prisão uns dias até resolver aquilo. Depois saí de lá. Saí e o seguro ainda me ficou a dar 800 mil réis por ano! Era uma fartura...

Reformei-me em 1962. Comecei a entrar na reforma em 1961. Depois vim-me embora mais ou menos em 1962. E vim para o Monte Frio.

Depois de me vir embora, faltou-me o ambiente que eu tinha lá com as pessoas. Lá era diferente daqui. Ainda hoje me falta. Nós lá tínhamos aquele ambiente nosso. Da gajada da ferrugem, como eles chamam aos gajos das oficinas e das estações de serviço. Às vezes juntávamo-nos todos e saíamos às seis da tarde para um petisquito. Aquela coisa, o prazer de convivência que a gente tinha uns com os outros. Infelizmente, já morreu quase tudo do meu tempo.



Luciano Nunes (em baixo) com amigos em Lisboa

História "*Estávamos numa coisa parva*"

O 25 de Abril deu-me uma grande alegria. Fui sempre contra a "bufaria", contra aquela tralha toda. No ano em que me casei, fui preso quatro vezes. Nunca roubei nada a ninguém. Tinham era um feitio comigo. Ia na rua, via uma pessoa maltratada, estava tudo estragado. Se visse dois gajos a bater num... Não podia ser:

- Pá, isto já chega!

Eu não era da qualidade de fugir, ia de gancho. Mas vinha-me embora depois. Na última vez paguei 900 e tal mil réis, que naquele tempo era muito. Por isso gostei da Revolução. Deu-me alegria, porque nós estávamos numa coisa parva. Não se podia abrir a boca, não se podia nada. Um gajo não podia estar no passeio que era logo corrido dali para fora. De vez em quando, tinham essas coisitas. Mas tinha amigos na polícia. E até fui convidado lá para a treta deles:

- Não, não quero nada disso.

Eram os informadores. Fui convidado para entrar nessa música:

- Não quero nada disso. Não, não quero nada disso.

Não gostava. Ainda hoje não gosto. Ainda hoje tenho azar aos gajos da PIDE. Só quem sabe o que eles faziam! Aqui, ninguém sabe. Eu sei um bocadinho daquilo. Era uma coisa parva! Bastava eles terem azar a um gajo qualquer. Depois havia esses ranhosos - que não têm outro nome - desses legionarizitos, desses informadorzitos. Um gajo estava aí numa tasca ou num lado qualquer a falar, daí por um bocado, quando um gajo se descuidava, estava unhado. Eles não agarravam ninguém. Nem tinham coragem para isso. O que é, apitavam para os outros e esses é que os levavam. Entrava a ronda por ali dentro. Se um gajo tivesse uma navalheira no bolso, ia tudo! Não ficava com nada. Qualquer coisa, ia logo tudo.

Namoro "*Nunca pedi namoro*"

A minha mulher era ali da Teixeira. Conheci-a em Lisboa. Ela era empregada numa tia. Estava entregue a ela. Antes, ainda namorisei aqui uma rapariga ou duas. Mas naquele tempo era uma chatice. Os pobres não tinham grande vantagem nisso, porque os ricos casavam-se uns com os outros. E os pobres tinham que andar a pau. Houve aí ricas que arranjaram umas coisas giras, mas também houve outras que arranjaram cada encomenda que ainda eram piores que eu.



Fernanda Nunes, esposa de Luciano Nunes, com 50 anos (Arganil)

A minha mulher foi a primeira rapariga que namorei em Lisboa. Foi através de conhecimentos de pessoas da família dela. Mas só me encontrava com ela de vez em quando. Tenho uma coisa muito boa: nunca pedi namoro a rapariga nenhuma. Não era preciso. Em Lisboa! Aqui, tinha que ser. Tinha que se andar a pau e espreitar os velhos. Os velhotes não gostavam muito que a gente se agarrasse a elas. Tinham medo que a gente lhe pegasse algum mal. Era giro. Agora, é uma alegria. Naquele tempo, era às fugidas. Tinha que ser às fugidas... Depois, aquilo estragou-se. Andei por lá uma data de tempo, namorei mais uma ou duas... Não sei bem quantas foram. Depois, voltei e fui casar com ela. Há coisas que têm a sua piada.

Casamento "*Foi à fugida!*"



Fernanda Nunes, com 16 anos, e Luciano Nunes, com 21 anos (Lisboa)

Para me casar com ela, teve de ser à fugida. Foi à fugida! Ainda hoje as pessoas se admiram, mas foi assim que eu fiz. Fui ao Registo Civil para tratar dos papéis e estava lá uma senhora que tinha namorado comigo. Eu vi-a lá:

- Olá! Que é isto? Aqui há gato... Espera aí que não me vais enganar.

Então, para ela não saber, disse ao o gajo do Registo para lá ir a casa. Com duas testemunhas, pronto, casámo-nos. Não houve cerimónia nenhuma. Mas cerimónia, para quê? Foi só o registo, a escrita e mais nada. Nem eu nem ela íamos vestidos de maneira diferente. Nada! Para quê? Isso é uma grande conversa, também. A tia, quando soube, ia-se matando!

A tia não queria e o pai também não. Ao pai, escrevi-lhe. Giro, o pai dela.



Maria dos Anjos e Mário Pimenta, pais de Fernanda Nunes

Escrevi-lhe e ele disse que sim, que me podia casar com ela, mas que antes a queria ver num caixão que casada comigo. Foi a resposta que ele mandou. Eles não queriam. Ai não quereis? Queria eu e queria ela e a nossa é que valeu. Não foi a deles. Mais tarde, dizia-me o pai dela, que antes se queria comigo do que com os filhos. Depois, diziam que eu os tinha enganado. Pensavam que eu era uma coisa e ao fim e ao cabo saiu outra. Foi assim.

Descendência "*Sempre gostei da minha família*"

O meu filho nasceu na Maternidade dos Tabacos.

No dia do nascimento dele, eu fui comer um rico almoço a Colares. Telefonei para lá, tinha corrido bem a coisa, e tal. E assim foi. Ele foi quase criado na Maternidade. A minha mulher ia trabalhar e ele lá ficava. Era assim. Depois, fomos indo, a vida foi andando. Mais tarde, tive uma infelicidade com a minha mulher. Ela foi operada a um peito e eu fiquei com o rapaz sozinho, enquanto ela estava no hospital. Senti um bocadito a coisa. Mas tinha lá uma cunhada e lá me safei. Passei esses bocadinhos todos.



Fernanda Nunes (à esq.), Luciano Nunes (à dta.) e Clotilde (2.ª da esq. p/ dta.) madrinha de Armando Nunes (ao colo), durante o seu baptizado (1961)

Ele, mais tarde, esteve na Marinha dois anos. Em dois anos, vi-o fardado duas vezes! A Marinha dele era ir para o Alfeite de manhã e depois vir dormir a casa, à noite. O serviço dele era aquele.

Era mecânico de automóveis. Tratava lá dos carros. Andava dentro do Alfeite de um lado para o outro. Fui lá algumas vezes ter com ele. O vinho deles estava dentro duns depósitos de aço inoxidável. Era só chegar ali e abrir. E havia sempre petisco. Aquilo não era Marinha, não era nada.

A minha família sempre gostou de mim e eu sempre gostei da minha família. Quando eu saio com o meu filho para qualquer lado, não se sabe qual é o pai nem qual é o filho.



Armando Nunes (à dta.), filho de Luciano Nunes, com amigo (Lisboa, 1969)

Por vezes, vê-se aí que quando os pais começam a ter uma certa idade, os filhos desviam-se deles. Vai um para o lado e outro para o outro. Eu não. Se ele vier aqui e quiser ir a um lado que eu não queira ir, ele não fica zangado. É um gajo com uma vida alegre.

Já tenho duas netas. E parece-me que está aí um bisneto a trabalhar.

Lugar "*Estou aqui muito bem*"

Estive 11 anos sem cá pôr os pés. Depois passei a cá vir todos os anos. Comprei uma casita a um velhote e reconstruí-a. Tinha só um andarzito. Pus-lhe outro andar em cima e vim para aqui. Estou aqui muito bem.

"Homens com cabeça"

Quando eu me fui embora, não havia estradas nenhuma para as povoações. A estrada que está aqui já foi feita depois de eu ir para Lisboa. Foi para isso que foi fundada a Comissão de Melhoramentos em 1947. Uma meia dúzia de pessoas, que estava em Lisboa - já morreram todos - juntou-se e formou a Comissão, porque dantes as ruas eram penedas. Foram arranjadas pela Comissão,

que impedrou tudo. Antes, passava-se por cima das estrumadas que havia aí. Os que formaram a Comissão eram bons. Homens com cabeça. Trabalharam muito para isto. Nem se pode dizer que um era melhor que o outro. Todos eles eram bons. Eu sou sócio da Comissão. Ainda hoje tenho um emblema.

"Aquilo sabia tão bem..."

Eu fui à Benfeita, descalço, muita vez buscar o correio! A pisar ouriços e gelo pela Mata da Margaraça fora. Descalço! Saía dali dos Pardieiros, ia à Relva Velha e depois vinha para aqui. De pequeno! Depois, andaram também uns irmãos meus a fazer isso e mais uma rapariga que servia aí. Ganhava 5 tostões por ir à Benfeita e voltar. Chegava lá, às vezes, tarde. Depois, saía de lá já de noite por aí acima. Tinha que se lá ir todos os dias. Houvesse ou não houvesse correio, tinha que se lá ir sempre. Não havia aqui telefone para avisar! Havia aí algum telefone? E, aqui, distribuía-se porta a porta. Lá por lá, um dava qualquer coisita, outro dava qualquer coisita... Às vezes, quando passava nos Pardieiros, pediam-me:

- "Ó, Luciano, faz lá este jeito..."

Eu lá fazia o jeitito e davam-me 5 ou 10 tostões. Quando chegava à Benfeita, comprava um pãozito... Metia aquilo debaixo do braço, sabia tão bem... Sabia a doce por aí fora nesse caminho.

Nem rádios, nem jornais

Nem rádios havia. Quando saí daqui, havia aí alguns rádios?

Os dias da rádio

Lembro-me que havia aí um senhor que comprou um rádio. Pô-lo em casa da mãe, já velhota. A mãe assustou-se, porque ouvia aquilo falar lá dentro. Ela não sabia o que era e o filho, que era macaco, pôs lá o rádio dentro de casa e assustou a mulher.

Jornais também não haviam à venda. Só sabíamos notícias pelo que nos diziam. Os velhos conheciam muito bem era as estrelas. Aquela estrela tal, aquela tal, aquela que era isto... Eles sabiam tudo.

"Não havia água em casa"

Antes, para ir buscar água, íamos a uma mina. Não havia água canalizada. Era água das nascentes. Havia aí uma mina que aquilo era um chafurdo. Ali é que gente ia encher a água para levar para casa. Também havia uma fontezinha, que ainda existe. Eram três fontezinhas que aí havia. Um gajo tinha de se baixar e tirar com um púcaro para encher os cântaros para levar para casa. Não havia água em casa. Não havia casas de banho, não havia nada. Cada um ia "arrear o calhau" aí no meio do mato.

"Morrer sem saber do quê"

No meu tempo, os cuidados de saúde era morrer sem saber do quê. O meu pai, que Deus tem, morreu de noite sem saber porquê. Era raro vir aí um médico. Onde é que havia dinheiro, naquela altura, para ir buscar um médico ou para ir a um médico? Lá se curavam uns aos outros. Lá se ajudavam com umas ervas ou qualquer coisa assim parecido. Aqui, era um sítio em que as mulheres só comiam uma galinha quando tinham um filho. De resto, nem uma galinha comiam. Quando tinham um filho, matavam uma galinha, para a senhora beber os caldos. Era assim que dantes faziam.

"Vingava-se no milho"

Aqui, só havia agricultura. Que é que havia aí mais? Havia algumas pessoas que tinham uns machos e andavam no carvão. Acartavam carvão e outras coisas de um lado para outro. Pouco mais havia.

Agora, há aí muita batata. Antigamente, não. Era só milho. A pessoa vingava-se no milho. Agora desistiram dele e plantam mais batatas. Milho, agora, aqui já nem há. Como adubo, serviam-se das estrumadas. As estrumadas eram mato que se punha à porta. Alguns, até despejavam o penico para a estrumada. Outros, até as necessidades lá faziam. Depois iam pôr aquilo nas couves e nas batatas.

"Os Valentões de Monte Frio"

Aos daqui chamam os "Valentões" de Monte Frio. Cada terra tinha o seu nome: os "Ralhadores" dos Pardieiros, os "Espicha-sapos" da Relva Velha, os

"Negritos" do Enxudro... Foi uma alcunha que nos puseram, porque antigamente, não era como agora. A gente, agora, discute uns com os outros e tudo se perdoa. Tudo acaba. Naquele tempo, por qualquer coisa, viravam aí à porrada uns com os outros, que até fazia fumo! Era giro, havia gajos rijos. Juntavam-se a jogar as cartas e a beber uns copos. Daí a um bocado, zangavam-se e vai de andar à cacetada uns com os outros. Era a história deles. Não vinha cá a polícia. Naquele tempo, havia alguma polícia para vir aí? Era o regedor. Chamavam o regedor, ele trazia dois gajos da tropa da Benfeita e arrecadavam aí um gajo qualquer. Ou metiam-no aí numa casa uma noite. Era como eles faziam.

Gosto da minha terra. Gosto das pessoas da minha terra. E eles também gostam de mim. Para mim, Monte Frio é o bem tratar uns com os outros. Se pudesse, só me mudava para a estrada da Beira, que é menos frio. Mudava aí para qualquer lado. Mas isto aqui é bom. Às vezes, em Côja e Arganil há um nevoeiro, um frio, uma humidade tremenda e vem-se para aqui... sol, que é uma maravilha! Aqui só é mau o vento. Quando o vento puxa... De resto é extraordinário.

Costumes "*Um*s coisas giras"

As aldeias antigamente tinham umas coisas giras.

"As couves eram sempre roubadas"

No Natal, faziam-se as grandes feiras. Naquele tempo, usavam-se aquelas panelas de ferro com três pernas. Punham aquilo ali ao lume, enquanto dávamos a volta à povoação. Outras vezes nem era preciso. Um botava um bocado de carne, outro dava uma chouriça... As couves, tinham de se ir roubar. Eram sempre roubadas. Faziam aquela grande panela e depois à meia-noite toda a gente comia!

"Os que amanhã dizem bem da gente"

Até tenho uma história de um senhor que havia aí. O senhor José Morgado. Um dia estavam a tirar a comida da panela e o homem diz assim:

- "Olha, vamos tratar primeiro destes "pequeniscos", que são os que de hoje a amanhã dizem bem da gente."

E não se enganou. É verdade. O homem saiu-se com aquela e nunca mais me esqueci.

No fim do ano iam-se tirar aí as Janeiras. Um dava uma chouriça, outro dava uns ovos... Depois, fazia-se uma merenda para todos. Para quem quisesse comer.

Coisas giras do Carnaval

Tinha uma coisa pelo Carnaval, que era gira. Havia uma pessoa que fazia uma coisa mal feita, que ficava no olho das outras pessoas. Depois, guardavam aquilo para o Carnaval. Punha-se um alecrim de um lado e do outro, cada um com o seu funil, e depois acusavam aquela coisa que a pessoa tinha feito. Falavam para o outro acusando o que a pessoa tinha feito.

Outra coisa gira do Carnaval eram as Paneladas. Arranjavam uma vasilha ou uma panela de barro e enchiam aquilo com uns figos, umas nozes, uns quilos de açúcar, uns quilos de arroz, conforme a necessidade da pessoa onde eles iam deixar. Como as portas aqui quase nunca estavam fechadas - estavam só encostadas -, eles agarravam naquela panela, chegavam à casa, abriam a porta e mandavam aquilo porta dentro. Partia, ficava tudo espalhado. A pessoa que recebia tentava saber quem era a pessoa que lá tinha ido pôr, para depois lhe fazer a mesma coisa.

Serrar a velha

Havia aí uma coisa gira, que era nós serrarmos a velha aos velhotes. Agarrávamos numa cortiça e num serrote e íamos à porta de um velhote serrar aquilo, a fazer barulho:

- Ah! Velhos malvados!

Eles quando ouviam aquele barulho, ficavam envenenados! Não gostavam.

"Sai de lá um martelo disparado"

Havia aqui um velhote chamado António Francisco. Um dia, estávamos lá a serrar a velha. Ele tinha uns janelitos, umas janelas pequeninas. Ninguém contava que ele fizesse aquilo. Sai de lá um martelo disparado, que se apanhava alguém pela cabeça, limpava-o!

"Queimou-lhe os dedos"

Outra vez, noutra casa, estavam a serrar a velha a uma mulher. A porta dela tinha uma folga por cima e um meteu lá a mão a serrar à porta. Ela, por dentro, viu-lhe os dedos e com um candeeiro queimou-os! Havia dessas coisas.

"Alguns com cada carraça!"

Antigamente faziam-se festas. Agora, quase não ligam às festas populares. Aqui, o padroeiro é o Milagroso Bom Jesus. Todos os anos fazem festa. Este ano é que falharam. Os mordomos não quiseram fazer e a Comissão fez a festa deles. Os santos ficaram lá em baixo. Não saíram. Lá está a tal coisa. Pelo pé deles não vieram. Não os tiraram de lá e eles não saíram. Mas, normalmente, faz-se a procissão. Sai, corre a povoação e recolhe outra vez. Depois, faz-se o arraial à noite, a noite inteira. Nós chegámos a fazer aí arruadas. Acabava a festa, arranjavam-se umas violas, umas concertinas e fazia-se uma arruada até de manhã. Principiámos lá em cima no Outeiro e descemos a bater nas portas das pessoas. Nenhum podia ficar em casa. De manhã, estava tudo na rua, mas alguns com cada carraça! De madrugada, encontrei um coscorél no chão. Sei lá se os cães já tinham dado volta com ele. Agarrei naquilo, vá, um bocadinho para cada um que é para abrir o apetite. Desapareceu tudo!

"Chega mais de meio"

Jogos, aqui, haviam poucos. Antigamente, jogavam às cartas. Os velhotes iam para a tasca, jogavam às cartas e ali estavam uma tarde inteira. Quando era pequenito, lembro-me que havia aí um jogo giro que era a cocha. Tinha uma pinha fechada, um buraco no chão e duas equipas. Uma para meter lá a pinha e outra para tirar. Era cada cacetada nas pernas uns aos outros! Era como se entretinha a gajada.

Do fito, também me lembro bem. O fito. Punha-se ali longe e daqui com uma malha... Também eram duas equipas. Era giro. Depois aquilo dava era para os púcaros, para fazer petisco. Para os copos. Aqui, antigamente, não se bebia por um copo pequenino. Era por um copo de meio litro, aferido. Enchia-se o copo. Bebia eu, bebia outro, bebia aquele e o último que acabasse mandava encher outra vez. Mas havia alguns que quando o copo ia já a menos de meio, só diziam:

- "Para mim, chega mais de meio."

Sabiam que iam beber menos, que iam beber pouco. Era assim que se fazia. Todos bebiam pelo mesmo copo.

Bruxas e lobisomens

Tanta coisa aqui contavam. Falavam no lobisomem, que passava o lobisomem. Diziam que havia bruxas. Diziam que a pessoa que tivesse seis filhas ou sete, uma delas era bruxa. Sempre me lembro que havia ali um curral velho, ao pé de uma fonte de água muito boa, onde estavam umas casas velhas. Então, diziam que era ali que se juntavam as bruxas. Era o que eles diziam, mas eu nunca vi nenhuma. Nunca vi nenhuma bruxa nem nenhum lobisomem, mas está bem. Mas falavam nisso. Diziam isso.

"Aquela carne era uma maravilha"

Antigamente, não vinha cá ninguém vender carne nenhuma. Criávamos aí umas galinhazitas. Às vezes, aparecia uma mulher da Benfeita a vender sardinha e, como não havia dinheiro, era com os ovos que se pagavam as sardinhas. Eles deixavam as sardinhas e a gente adiantava-lhes os ovos. Era assim, não havia dinheiro! É verdade. Às vezes, vinha a raposa e comia as galinhas. Lá iam as galinhas, lá ia tudo.

Vinham cá poucos, muito poucos, vender coisas. Agora, vêm aí duas pessoas vender sardinha todas as semanas. Se for preciso, duas vezes. Vêm os da carne duas vezes também. Dois carros. Vem a fruta duas vezes. Naquele tempo, não vinha cá nada. Nem padeiro. Só havia o que se cozia aí nos fornositos. A broazita. Quem a tinha para cozer. Porque havia muita gente que não tinha.

Por isso, cada um criava e matava o seu porcozito. Agora, não pode haver animais. Naquele tempo, às vezes até dormiam por cima e o porco por baixo, na loja. Não raro. No Inverno, quando estava o tempo frio é que matavam os porcos. Era giro. O porco era agarrado e estendido em cima do banco e o matador, com a faca, matava. Um segurava, o outro matava. Depois aquilo era chamuscado, pendurado e aberto. Deixavam arrefecer, porque a carne não convinha ser cortada a quente. Ao outro dia, desmanchavam. Uns enchiam um bucho - ou como é que eles chamavam aquilo - e outros coziam. Convidavam a família e iam comer. Aquele bocado de carne de porco na sopa - não muito cozida - era uma maravilha. Agora, um gajo come qualquer carne e não sabe a nada. Naquele tempo era uma maravilha.

Gastronomia

Comida típica daqui era tudo! Essa coisa da batata a murro, aqui já é velho. Usavam muito isso. O cozido à portuguesa também se usava. Naquele tempo, era o mais era o bacalhauzito, que era o que havia mais. Fora a carne de porco, era o bacalhauzito. Quem é que comia aí bifes? Não vinham cá vendê-los, sequer. E os bifes não podiam passar pela boca de toda a gente. Agora é que passa.

Doces, cada um fazia os doces que queria. Ainda hoje a minha mulher faz uns coscoréis, uns bolos. Pelo Natal faziam coscoréis. E as tigeladas. Era melhor o molho da tigelada que a própria tigelada.

"Lá davam uma beijoca"

No tempo das colheitas, ajudavam-se uns aos outros. Tudo às costas. Não havia cá tractores. Antigamente, era. Ajudavam-se uns aos outros a debulhar o milho e tal. Na altura das colheitas do milho, juntavam-se. Tinham o milho para descascar e juntavam-se todos. Hoje iam ajudar aquele, depois iam ajudar o outro. Quando aparecia o milho-rei, vai um abraço às cachopas e o canudo. Abraçavam-se e lá davam uma beijoca. Os feijõezitos também se descascavam. Até mesmo a cavar a terra. Dinheiro não havia, e como não havia, compensavam a ajudar-se.

Quotidiano "*Um feijão-verde que é uma categoria*"

Quando me reformei, comecei a cultivar aí umas fazendas. Não compro quase nada para casa. Comecei a semear umas batatas, uns feijões e ainda hoje o faço. Tenho ali um feijão-verde que é uma categoria. Dá para eu comer e dá para muita gente. As batatas não deram muito, porque o tempo não deu para isso. Depois, lá semeei os feijões. E continuo. Faço aí uma pinguita de vinho bom, também. É daqui, mas é só sumo do vinho. Dizem que o vinho de cá não embebeda, mas, de vez em quando, é cada carraspana! E não embebeda!

Quando vim, gastei um ancinho a trabalhar aqui no Monte Frio. Nunca ganhei um tostão com ele. Foi um sobrinho meu que mo arranjou. Ficou como novo. E agora, perguntam-me assim:

- "As pessoas não têm de pagar?"

- Não, senhora, eu gosto muito de ajudar.

E ainda hoje faço isso se for preciso.

Sonhos "*Ver a minha família bem*"

O sonho que eu tenho é ver a minha família bem. E que todos chegassem, pelo menos, à minha idade. A todas as pessoas o desejo. Quando chegarem à minha idade, estejam pelo menos como eu estou. É o que eu lhes desejo.



Casamento de sobrinho. Neta Rita Andreia, Fernanda Nunes, Armando Nunes, sobrinhos, nora Eulália Pimenta, Luciano Nunes e neta Tânia Sofia (Odivelas, 2004)

Avaliação "*Acho que é importante*"

Quanto a este projecto, acho bem. Acho bem que as pessoas saibam o que se passou antigamente. Como isto era e como é agora. Só que as pessoas agora são muito diferentes de como eram antigamente. Acho que é importante as pessoas saberem como é que se viveu antigamente. Agora, contamos às pessoas novas como a gente viveu e eles não acreditam! Eles sabem lá como é que era. Conta-se a esses gajos o que foi o 25 de Abril e eles não sabem discutir nada. Nem disso sabem nada! Não comeram o pão que o Diabo amassou... Eu passei tanto frio por dentro e por fora. Então não havia de comer o pão que o Diabo amassou?